ENTREVISTA a NELSON AGUILAR,

 curador da 4ª. Bienal do Mercosul.

Porto-alegrense é aberto à cultura, diz curador
 Ana Carolina Bolsson

Nascido em 1945, em São Paulo, Nelson Aguilar, o curador-geral da 4ª Bienal do Mercosul, é graduado pelo Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Escolhido entre mais de cem currículos pelo presidente do evento Renato Malcon como "a cara da Bienal", Aguilar cursou doutorado na Faculté de Philosophie de L'Université Jean Moulin (Luon III).

Seu currículo inclui docência em universidades de Campinas e São Paulo, curadoria geral da exposição *Brasil 500 anos artes visuais*, curadoria geral da Fundação Bienal de São Paulo e pesquisador da Fundação Calouste Gulbenkain em Lisboa e Paris. Tem dois livros publicados e mais cinco trabalhos realizados de curadoria.

Como preferiu deixar o telefone livre para socorrer na última hora os artistas envolvidos, Aguilar respondeu ao **Terra** por e-mail, três dias antes do início do evento, direto de São Paulo. Já em Porto Alegre, às vésperas do evento, revelou, sem perder o bom humor: "Quase perdi o avião para Porto Alegre por causa dessa entrevista. Imagina se eu não chego a tempo da abertura da Bienal", qüestionou com um largo sorriso.

**Como o logotipo da Bienal mostra, quais questionamentos o evento quer fazer?**

O assunto é origem. A origem é uma preocupação constante da arte e dos latino-americanos. De onde viemos? Isso ocorre de uma maneira mais crucial do que na América anglo-saxônica, pois há uma procura de integração com o ameríndio, o afro-latino em busca de uma diferença diante da globalização.

**O que há de original nesta Bienal?**

Há as mostras icônicas onde um mestre da arte de cada país comparece, a mostra transversal com um tema sul-americano, as mostras de arqueologia das terras altas e baixas, além da de arqueologia genética onde o DNA mitocondrial de cada artista ou agente cultural participante da 4ª Bienal forma o mapa da ascendência matrilinear. Tudo isso é novo em relação às bienais anteriores.

**Por que a importância de abordar a relação entre o arqueológico e o contemporâneo?**

Arqueologia e contemporaneidade estão amarradas desde o advento da arte moderna. Quanto mais para frente, mais remoto.

**Quais as maiores dificuldades enfrentadas até o momento como curador-geral da Bienal?**

Respeitar o voto de confiança da diretoria. Quando o presidente da Bienal, Renato Malcon, me convidou, pediu para fazer algo semelhante à Mostra do Redescobrimento. Acredito que esse pedido foi contemplado.

**De que maneira a obra do artista Saint Clair Cemin complementa o tema da Bienal deste ano?**

Saint Clair Cemin talvez seja o artista brasileiro da contemporaneidade mais respeitado no circuito artístico internacional. Além do mais, toma chimarrão diariamente em Nova York. A obra que elaborou para a comunidade rio-grandense é, segundo Saint Clair, o DNA gaúcho. Confiram.

**Quais os resultados e retornos que você e a organização da Bienal esperam da comunidade que visitará o evento?**

Que o mundo sem a arte latino-americana não é o mundo.

**Você disse numa entrevista que Porto Alegre é a capital do Mercosul e por isso a realização do evento aqui. Você acredita que em outra localidade o retorno seria igual?**

A soma de forças em torno de um evento artístico como a Bienal torna essa aspiração legítima.

**Pelo tempo que estás trabalhando neste projeto, como caracterizaria o público porto-alegrense em relação à Arte?**

Gostaria de responder essa pergunta depois de sete de dezembro, a data de encerramento da 4ª Bienal, mas pela freqüentação em eventos de artes visuais, de cinema, de teatro, de literatura, de música, de crítica à sociedade em que vivemos penso que é o público mais aberto à recepção cultural do Brasil.

**Você acredita que Porto Alegre possa deixar de ser a sede da Bienal, assim como aconteceu com o Fórum Social Mundial?**

Uma bienal de arte acumula uma experiência intransferível, cria raízes mais profundas que qualquer outro evento cultural.

**Para iniciantes ou para estudiosos, qual obra estará imperdível nesta Bienal?**

Para iniciantes as mostras icônicas e arqueológicas, para os exigentes os armazéns do Guaíba que abrigam a arte contemporânea.

[http://diversao.terra.com.br/interna/0,,OI151928-EI1540,00.html](http://diversao.terra.com.br/interna/0%2C%2COI151928-EI1540%2C00.html)

Acesso em 25/08/2008